

O HORROR QUE VEM DO MAR – por Eduardo Spohr

Sou louco. Essa é a primeira coisa que você precisa saber ao meu respeito.

A segunda é que estou de saída. Moro nesta instituição faz 50 anos. E hoje é o meu último dia.

O grande perigo de se viver entre muros é que a gente se acostuma. Como qualquer animal, o homem se adapta, o homem relaxa, o homem se conforma. Mas existem vantagens em ser maluco, e uma delas é que as pessoas nos ignoram. O bom louco, portanto, é aquele que ouve. O bom louco é o que observa.

Na época em que fui internado, o sanatório ocupava uma quadra, apenas, ao lado da escola de comunicação da UFRJ. Nas décadas seguintes, inauguraram outro prédio, colado à Praia Vermelha, e me deram um quarto de onde se via um pedacinho do mar. Quando a depressão apertava, era o que eu fazia: contemplava as ondas, procurando, nelas, um enigma para solucionar, mas não havia nenhum. O mundo apodreceu, tornou-se estéril e deprimente, perdeu sua magia, esgotou sua fé. Não há mais nada a conhecer; não há fronteiras a se conquistar.

Foi quando eu os enxerguei, numa chuvosa madrugada de inverno. Uma sombra repulsiva, que se movimentava torta sobre a areia, como se a água, e não a terra, fosse o seu habitat. Depois, aconteceu no outono. O “monstro” veio acompanhado de outros dois, as escamas brilhando à lua cheia, os olhos negros, esbugalhados, e o cheiro... de peixe.

Um deles me notou e, apavorado, eu surtei. Na cama do ambulatório, compreendi, afinal, que não era horror, era fascínio! Os seres, tão asquerosos, me devolveram o sentido da vida, o gosto pelo mistério, a chama que me faltava.

Obcecado, comecei investigá-los. Descobri que tais criaturas chegaram à nossa costa fazia 500 anos, junto com os primeiros colonizadores. Sua raça era muito antiga, vivia nas profundezas, mas com o aumento da poluição passaram a caçar na superfície. Por toda a baía eles vagavam, procurando suas vítimas, às vezes as recebendo voluntariamente, prometendo que um dia o maior deles despertaria, e que nenhum homem, de fé ou ciência, poderia se opor à sua vontade. Um novo mundo. De êxtase. De mistérios. De liberdade. Era essa a promessa.

Por 50 anos eu esperei. Por 70 anos sobrevivi. E então, a loucura dos remédios desvaneceu. Olhei pela janela. Estavam lá, todos eles. Os sons da noite tinham se apagado. Os carros, as sirenes, os murmúrios. Só uma frase se escutava, e ela vinha do mar:

"Ph'nglui mglw'nafh Cthulhu R'lyeh wgah'nagl fhtagn"